

O BANQUETE

O Banquete foi escrito por Platão e retrata uma reunião de Sócrates com seus amigos, na casa de Agatão. A história é relatada por Apolodoro, a qual havia ouvido de Aristodemo. Nessa reunião regada com vinho, os comensais debatem a questão do Amor, do verdadeiro Amor. Estavam presentes na casa de Agatão, além de Sócrates, Erixímaco, Aristodemo, Fedro, Aristófanes, Pausânias, entre outros e, no final do banquete, chega Alcibíades.

O diálogo inicia com a proposição de Erixímaco, atendendo um pedido de Fedro, para preencher o tempo, debater o amor. Propõe Erixímaco, “[...] poderíamos muito bem entreter nosso tempo em discursos; acho que cada um de nós, da esquerda para a direita, deve fazer um discurso de louvor ao Amor, o mais belo que puder, e que Fedro deve começar (...), já que está na ponta e é o pai da idéia”.

- Concepção de Amor para Fedro.

Fedro afirma que o Amor é um grande deus e que este é admirado pelos homens e pelos deuses e diz que a prova disso é que não existem genitores do Amor. Fala de um Amor altruísta, no qual o amante seria capaz de morrer pelo amado. Afirma que “[...] quanto a morrer por outro, só o consentem os que amam, não apenas os homens, mas também as mulheres”.

Fedro termina seu discurso afirmando “[...] que o Amor é dos deuses, o mais honrado e mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após a sua morte”.

- Concepção de Amor para Pausânias.

Para Pausânias dois são os Amores. O principal está na alma dos homens e afirma que todos sabem “[...] que sem Amor não há Afrodite. Se [...] uma só fosse esta, um só seria o Amor; como [...] são duas, é forçoso que dois sejam também os Amores. E como não são duas deusas? Uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano e ela é que chamamos de Urânia, a Celestial; a mais nova, filha de Zeus e de Dione,

chamamo-la de Pandêmia, a Popular. É forçoso então que também o Amor, coadjuvante de uma, se chame corretamente Pandêmio, o Popular e o outro Urânio, o Celestial”.

A seguir Pausânias encaminha seu discurso para justificar a homoafetividade, corrente entre os gregos da época. Segue dizendo que se trata “[...] como efeito do amor proveniente da deusa mais jovem que a outra e que em sua geração participa da fêmea e do macho. O outro, porém, é o de Urânia, que primeiramente não participada fêmea, mas só do macho - e é este o amor aos jovens - e depois é a mais velha, isenta de violência; [...] e, no próprio amor aos jovens poder-se-iam reconhecer os que estão movidos exclusivamente por esse tipo amor (*amor violento de um só*); não amam eles, com efeito, os meninos, mas os que já começam a ter juízo, o que se dá quando lhes vêm chegando as barbas”.

Pausânias procura justificar o que é bom e o que é mau no amor. Diz que “[...] não é em si e por si nem belo nem feio, mas se decentemente praticado é belo, se indecentemente, é feio. Ora, é indecentemente quando é a um mau e de modo mau que se aquiesce e decentemente quando é a um bom e de um modo bom. E é mau aquele amante popular que ama o corpo mais que a alma; pois não é constante, por amar um objeto que também não é constante”.

- Concepção de Amor para Erixímaco

Erixímaco concorda com Pausânias quanta a duplicidade do Amor. Porém, diverge afirmando que o Amor não está somente na alma dos homens, mas também nas outras partes e afirma que “[...] a natureza dos corpos, com efeito, comporta esse duplo Amor; o sadio e o mórbido são cada um reconhecidamente um estado diverso e dessemelhante, sendo que o dessemelhante deseja e ama o dessemelhante. Um, portanto, é o amor no que é sadio, e outro no que é mórbido”.

Ele procura justificar o amor dos opostos dizendo que “[...] é de fato preciso ser capaz de fazer com que os elementos mais hostis no corpo fiquem amigos e se amem mutuamente. Ora, os mais hostis são os mais opostos, como o frio ao quente, o mais amargo ao doce, o seco ao úmido, e todas as coisas desse tipo; foi por ter entre elas suscitado amor e concórdia que nosso ancestral Asclépio, como dizem estes poetas aqui e eu acredito, constituiu a nossa arte”. E justifica a harmonia dos opostos buscando exemplo na música. Segundo ele, “[...] é sem dúvida do agudo e do grave ainda em discordância que pode resultar a harmonia; a harmonia é consonância, consonância é

uma certa combinação - e combinação de discordantes, enquanto discordam, é impossível e inversamente o que discorda e não combina é impossível harmonizar - assim como também o ritmo, que resulta do rápido e do lento antes dissociados e depois combinados". E, "[...] no tocante à harmonia e ao ritmo, é ciência dos fenômenos amorosos".

- Concepção de Amor para Aristófanes

Aristófanes começa seu discurso afirmando que antigamente eram três os gêneros humanos e não dois como o são hoje. Além do masculino e do feminino existia um terceiro comum aos dois sexos. Afirma que era "[...] um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto que agora nada mais é que um nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha e quatro pernas, dois rostos sobre o pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça era uma só, e quatro orelhas, dois sexo, e tudo mais como desses exemplos se poderia supor. E quanto ao seu andar, era também ereto como agora, em qualquer das duas direções que quisesse".

Essas criaturas possuíam grande força e vigor e por isso se rebelaram contra os deuses. Em função disso Zeus e os demais deuses resolveram dividi-los em dois tornando-os mais fracos. Caso continuassem se rebelando os dividiria novamente e eles passariam a andar numa só perna saltitando.

Assim, a partir dessa mutilação, cada metade está sempre em busca da outra metade. Ele continua seu discurso dizendo que "[...] desde que a nossa natureza se mutilou em duas ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia e envolvendo-se com as mãos, enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. E sempre que morria uma das metades e a outra ficava. A que ficava procurava outra e com ela se enlaçava, que se encontrasse com a metade do todo que era mulher - o que agora chamamos mulher - que com a de um homem; e assim iam-se destruindo".

Continuando seu discurso Aristófanes procura explicar os adultérios e a homoafetividade dizendo que "[...] cada um de nós, portanto, é uma tésseira complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento". E, "[...] todos os homens são um

corte do tipo comum, o que então se chamava andrógino, gostam de mulheres e a maioria dos adultérios provém deste tipo, assim como também todas as mulheres que gostam de homem e são adúlteras é deste tipo que provêm. Todas as mulheres que são corte de uma mulher não dirigem muito atenção aos homens, mas antes estão voltadas para as mulheres e as amiguinhas provêm deste tipo. E todos os que são corte de um macho perseguem o macho e enquanto são crianças, como cutículos do macho, gostam dos homens e se comprazem em deitar-se com os homens e a eles se enlaçar, e são estes os melhores meninos e adolescentes, os (...) mais corajosos”.

- Concepção de Amor para Agatão

Agatão também compara o Amor ao mais divino dos deuses. Porém, afirma que é o mais jovem e delicado dos deuses. Diz que “[...] de todos os deuses, que são felizes, é o Amor, se é lícito dizê-lo sem incorrer em vingança, o mais feliz, porque é o mais belo deles e o melhor. Primeiramente, é o mais jovem dos deuses, ó Fedro. E uma grande prova do que digo, ele próprio fornece, quando em fuga foge da velhice que é rápida evidentemente, e que em todo caso, mais rápida do que devia, para nós se encaminha. De sua natureza o Amor a odeia e nem de longe se lhe aproxima. Com os jovens ele está sempre em seu convívio e ao seu lado; está certo, com efeito, o antigo ditado, que o semelhante sempre do semelhante se aproxima”.

- Concepção de Amor para Sócrates

Sócrates começa seu discurso perguntando a Agatão se o Amor é amor de algo ou de nada, assim como pai é pai de algo e irmão é irmão de alguém. Agatão responde afirmativamente. Também perguntou a Agatão se é “[...] amor ele que deseja ou não?”. E quando tem o que deseja, ama o que tem, ou ama o que não tem? Sócrates continua seu discurso partindo do pressuposto que só se deseja o que se é carente. E pergunta “[...] porventura desejaria quem já é grande ser grande ou quem já é forte ser forte?” Então, não seria isso “[...] amar o que ainda não está à mão nem se tem, o querer que para o futuro, seja isso que se tem conservado consigo e presente?”. Agatão concorda com Sócrates. Parece que Sócrates parte do pressuposto que é do desejo que nasce o amor. Pode-se perguntar: Não seria do Amor que nasce o desejo?

Pergunta Sócrates se “[...] não é certo que o Amor seria da beleza, mas não da feiura?” Carece então de beleza o Amor, e não tem?”. Agatão concorda com Sócrates. Então, Sócrates faz Agatão cair em contradição, perguntando se ele admitia “[...] por conseguinte que o Amor é belo, se isso é assim?”. Agatão responde que “[...] é bem provável (...) que nada sei do que então disse?”. E Sócrates continuou, “[...] diga-me ainda uma pequena coisa: o que é bom não te parece que também é belo?”. Agatão responde que sim. E, Sócrates conclui dizendo que se “[...] o Amor é carente do que é belo e o que é bom é belo, também do que é bom seria ele carente”. Agatão não achou como contradizer Sócrates.

Sócrates continua seu discurso sobre o Amor contando, em forma de parábola, o que ouviu da sacerdotisa Diotima. Sócrates então passa narrar o diálogo que manteve com Diotima. Sócrates perguntou a Diotima: “É feio então o Amor, e mau?”. Diotima respondeu com outra pergunta: “[...] Acaso pensas que o que não for belo, é forçoso ser feio?”. “Exatamente” respondeu Sócrates. Retomou Diotima: “Se não for sábio é ignorante? Ou não percebeste que existe algo entre sabedoria e ignorância?” e completou que: “[...] a opinião certa, um intermediário entre entendimento e ignorância”. Diotima então diz a Sócrates: “Não fiques, portanto, forçando o que não é belo a ser feio, nem o que não é bom a ser mau. Assim também o Amor, porque tu mesmo admites que não é bom nem belo, nem por isso vás imaginar que ele deve ser feio e mau, mas sim algo que está, dizia ela, entre esses dois extremos”.

Partindo do pressuposto que o Amor não é belo, nem feio; não é bom, nem mau, Diotima mostrou a Sócrates que o Amor não pode ser um deus, visto que os deuses devem ser belos, bons e felizes.

Sócrates então pergunta a Diotima se o Amor seria um mortal. Diotima diz que não. E Sócrates então retoma e pergunta: “Mas o quê, ao certo, ó Diotima?”. E Diotima responde: “[...] algo entre o mortal e imortal”. E continuou, “[...] um grande gênio, ó Sócrates; e, com efeito, tudo o que é gênio está entre um deus e um mortal”. Sócrates então insiste: “E com que poder?”. Responde Diotima, com o poder “[...] de interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens e aos homens o que vem dos deuses, de uns as súplicas e os sacrifícios e dos outros as ordens e as recompensas pelos sacrifícios; e como está no meio de ambos ele os completa, de modo que o todo fica ligado todo ele a si mesmo. Por seu intermédio é que procede não só toda arte divinatória, como também a dos sacerdotes que se ocupam dos sacrifícios, das iniciações e dos encantamentos e enfim de toda adivinhação e magia. Um deus não se mistura com um

homem, mas através desse ser que se faz todo o convívio e diálogo dos deuses com os homens, tanto quanto despertados como quando dormindo; e aquele que em tais questões é sábio é um homem de gênio, enquanto o sábio em qualquer outra coisa, arte ou ofício, é um artesão. E esses gênios são muitos e diversos, e um deles é justamente o Amor”.

O diálogo segue e Diotima afirma que o filósofo está entre o sábio e o ignorante, portanto, o filósofo é o Amor. Ao questionamento de Sócrates de que os filósofos não são nem sábios nem ignorantes, respondeu Diotima que “[...] uma das coisas mais belas é a sabedoria e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante”.

Depois Diotima afirmou que o Amor está não só no corpo dos homens, mas também em sua alma e diz: “[...] todos os homens concebem, não só no corpo como também na alma, quando chegam a certa idade, é dar à luz que deseja a nossa natureza”.

- Participação de Alcebiades

Alcebiades chega atrasado e bêbado, à festa. Toma a palavra e passa a contar que Sócrates em certa ocasião o recusara como amante. Conta com detalhes essa passagem aos convivas ali presente. Conta inclusive as artimanhas que usou para segurar Sócrates em sua casa e com ele ficar sozinho. Afirma enfim que dormiu com Sócrates, porém nada de extraordinário ocorreu. Dormiu como dormiria com seu pai ou irmão.

Alcebiades faz elogios à coragem de Sócrates enquanto guerreiro e sua lealdade como amigo e companheiro, desinteressado das riquezas, que ele (Alcebiades) era possuidor.

Alcebiades termina o seu discurso dizendo que não foi só a ele que Sócrates rejeitara com amantes, mas também Cármides, o filho de Glauco, Eutidemo, filho de Diocles e muitos outros, “[...] os quais ele engana fazendo-se de amoroso, enquanto é antes na posição de bem-amado que ele mesmo fica em vez de amante”.

Com o final do discurso de Alcebiades todos voltam beber e encerram os discursos sobre o Amor.